



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

FACEBOOK, FEMINISMO E A MULHER: UM ESTUDO DA CRISE IDENTITÁRIA EXPRESSA NO DISCURSO FEMININO ENCONTRADO NAS REDES SOCIAIS

FACEBOOK, FEMINISM AND THE WOMAN: A STUDY OF THE INDENTITY CRISIS EXPRESSED IN THE FEMALE DISCOURSE FOUND IN THE SOCIAL NETWORKS

Dayane Florentino Ferreira de Moura (UNEMAT)¹
Cristinne Leus Tomé (UNEMAT)²

Resumo: Este trabalho se trata de uma pesquisa bibliográfica, em que foram analisadas quatro páginas da rede social Facebook, duas páginas feministas e duas páginas antifeministas, em que se contrapõem os anseios e as lutas de ambos posicionamentos. Tem como objetivo compreender os sentidos sobre o feminismo que circulam nas redes sociais, uma vez que tudo é permitido que se diga e que se faça neste ambiente, por que um movimento comumente conhecido como pela/para a mulher hoje encontra resistência por parte dessa população por ele representada, e por que se estabeleceu esta fronteira? A análise tem como embasamento teórico a Análise de Discurso de linha francesa e os fundamentos sociológicos de identidade definidos por Zygmunt Bauman. Aponta, assim, por meio da interpretação feita, a crise de identidade em que vive pela mulher do início da segunda década do século XXI presente nesta plataforma.

Palavras-chave: Análise de discurso. Identidade. Feminismo. Mulher.

Abstract: The present work is bibliographical research, in which four pages of the social network Facebook, two feminists, and two anti-feminists were analyzed, and the anxieties and struggles of both positions are opposed. It aims to understand the meanings of feminism that spread on social networks, since everything is allowed to be said and done in this environment, why a movement commonly known as in favor of woman, today faces resistance from this population represented by it, and why was this boundary established? The analysis is theoretically based on the French Discourse Analysis and the sociological foundations of identity defined by Zygmunt Bauman. Thus, it points out, through the interpretation made, the identity crisis in which women from the beginning of the second decade of the 21st century, present on this platform, live.

Key words: Discourse Analysis. Identity. Feminism. Woman.

Introdução

A luta feminina por conquista de espaço na sociedade mundial vem, desde o século XX, sendo travada de forma árdua na intenção de que a mulher tenha o direito de escolher aquilo que lhe faz feliz e que a satisfaz enquanto ser humano de forma geral. E o movimento feminista tem se

¹ Discente do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Letras (PPGLetras) da UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop, graduada em Letras, dayane.moura@unemat.br.

² Professora Doutora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop - MT), coordenadora do Grupo de pesquisa Educação e Estudos de Linguagem (GEDEL) e do Projeto de Pesquisa Questões Urbanas em Linguagens, orientadora e coautora desta pesquisa, cristinne.tome@unemat.br.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

colocado como aquele que luta por este direito. Contudo, nos últimos anos, parte das mulheres têm se colocado firmemente contra este movimento, que desde a década de 1960, quando o termo *feminista* se tornou de fato conhecido (VENKER; SCHLAFLY, 2015, p. 47), tem representado a luta pelos direitos das mulheres.

Entre os anos de 2014 e 2015, quando, em todos os grupos da sociedade brasileira houve uma movimentação e discussão intensa a respeito da implantação ou não da ideologia de gênero no currículo da educação básica no Brasil, e em meio a essas discussões, que também tinham seu espaço no *Facebook*, notou-se que neste meio também cresceu a contestação a respeito do movimento feminista atual. Muitas páginas do *Facebook*, a favor e contra o feminismo, foram criadas, e nelas encontrou-se um discurso de embate entre si avesso ao habitual propagado nos discursos que circulam e produzem sentidos na sociedade deste início de segunda década do século XXI. E ao observar toda essa contestação carregada de um discurso divergente ao reproduzido há anos por parte da população mundial, surge o questionamento a respeito de que mulher é essa que fala de dentro do feminismo e que mulher é essa que não se vê representada pelo feminismo. Sobretudo, a inquietação principal que toma proporções antes sequer cogitadas é: Por que o feminismo encontra resistência entre algumas mulheres e qual o motivo do surgimento desta fronteira?

Desenvolvimento

Ao voltar o olhar para estes questionamentos e para a materialidade do que se pretende analisar faz-se necessário delimitar o que, dentro da pesquisa, será considerado *feminino*, qual o efeito de sentido deste conceito e a que indivíduo se refere/relaciona única e diretamente esta pesquisa.

Etimologicamente a palavra *feminino* vem do latim e corresponde ao radical *feme-*, que quer dizer fêmea, e *-inus*, que no português corresponde ao sufixo *-ino*, que é um sufixo formador de adjetivos. Portanto, a palavra *feminino* significa, de acordo com sua etimologia, o indivíduo fêmea, que segundo a biologia, fêmea é o indivíduo duma espécie, seja animal ou vegetal, que produz o gameta (célula reprodutiva) maior e geralmente imóvel – o ovócito (ou mais conhecido como



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

óvulo). Sendo assim, na espécie humana, feminino quer dizer mulher. *Feminismo*, por sua vez, apresenta o mesmo radical acompanhado do sufixo -ismo, originário do grego *-ismós* que pode significar: sistema político, religião, doença, ideologia, etc. Sendo possível concluir que feminismo se trata de uma frente ideológica ou um sistema político no qual o foco é a mulher.

Todavia, só a etimologia apresenta efeitos de sentido muito amplos, e apesar de auxiliar nas análises ainda deixa lacunas de significação, pois segundo Eni Orlandi (2010, p. 9) a linguagem é opaca, não é transparente em sua locução, uma vez “que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar.” Assim, se fundamenta e justifica a necessidade desta análise, para que seja possível compreender quais os efeitos de sentidos produzidos pelos discursos analisados.

Para que se compreenda o conceito de sujeito, é imprescindível apreender o conceito de ideologia, pois sem ela não há formação de sujeito. Megid e Capellani (apud BOLOGNINI, 2007, p. 29) definem ideologia como “a relação entre a linguagem e o mundo. É a própria condição para que a linguagem possa ser interpretada”. Orlandi (2010, p. 46-47) traz uma definição integral deste mesmo conceito:

É a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.
[...] a ideologia não é a ocultação mas a função da relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem no sentido da refração, do efeito imaginário de um sobre o outro.

Como se nota, a ideologia é parte fundamental na constituição do sujeito, e percebe-se também que “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia.” (ORLANDI, 2010, p. 47). Fazendo-se, portanto, indispensável falar sobre formação discursiva e formação do sujeito.

A respeito das formações discursivas, Orlandi (2010, p. 43), afirma que: “As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações.”.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Eni afirma que as palavras mudam de sentido conforme a situação em que são utilizadas, a época em que são ditas e conforme aqueles que as empregam. A palavra fogueira, por exemplo, não produz em 2021 o mesmo efeito de sentido que produzia durante a Idade Média. Em 2021 ao dizer a palavra fogueira remetemo-nos às festas religiosas tradicionais, a acampamento, a um luau, a variadas formas de comemorações.

No entanto, dizer esta mesma palavra durante o período medieval trazia ao sujeito uma lembrança de algo triste, perigoso, da própria morte, pois nesta época foram feitas muitas condenações à morte na fogueira. Fato explicado por Orlandi (2010, p. 43), ao afirmar que as palavras tiram seu sentido do contexto histórico, da situação e também de acordo com quem as emprega;

Desta mesma maneira se constitui o sujeito, atravessado pela linguagem e pela história.

Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (ORLANDI, 2010, p. 49).

Em outro estudo desenvolvido em torno do silêncio, Eni (2007, p. 12) defende a ideia de que “há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer”, e que

O silêncio como horizonte [...] aponta-nos que o fora da linguagem não é o nada mas ainda sentido. Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz. (ORLANDI, 2007, p. 13-14).

Desta forma, o silêncio é fundante, é nele que o sujeito se organiza, se estrutura, para posteriormente quebrar o silêncio e se manifestar discursivamente.

Ao mencionar o silêncio como fundante é necessário explanar que silêncio fundador é o que faz com que o dito signifique, diferente da política do silêncio que se divide em: silêncio constitutivo, que é o porquê uma palavra faz com que outras sejam apagadas (para dizer é preciso



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

não-dizer, se digo “parei de pintar o cabelo” não digo que “eu costumava pintá-lo”); e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer em determinado contexto (é o que faz com que o sujeito não diga o que poderia dizer). Sendo assim, as relações de poder na sociedade sempre produzem a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras. Daí a necessidade de atentarmos ao que é dito, e ao que não pode ser dito. Exemplo disso é nos interrogarmos sobre o que “parei de pintar o cabelo” silencia, o que este enunciado não deixa dizer.

Ao abordar o silenciamento é preciso relembrar os conceitos de Eni (2010) a respeito do dito, que é o que está materializado no discurso, é o que está impresso no dizer do sujeito; e do não-dito, que é o que está nas entrelinhas do discurso, é o que se pode compreender ao relacionar o discurso ao período histórico em que foi proferido e ao sujeito que o (re)produziu.

Ao discorrer sobre sujeito, ideologia, silêncio, discurso, dito e não-dito, faz-se necessário tratar também da identidade, que segundo Bauman (2005) é como um quebra-cabeça cuja imagem que deve aparecer ao final do trabalho não é dada antecipadamente, de modo que não é possível ter certeza de se ter todas as peças necessárias para montá-lo, ou de haver selecionado as peças certas entre tantas disponíveis, ou ainda de tê-las encaixado de maneira adequada para formar a figura final.

O trabalho total é *direcionado para os meios*. [...] Seu problema não é o que você precisa para “chegar lá”, ao ponto que pretende alcançar, mas quais são os pontos que podem ser alcançados com os recursos que você já possui, e quais deles merecem os esforços para serem alcançados. [...] A construção da identidade, por outro lado, é guiada pela lógica da racionalidade do *objetivo* (descobrir o quão atraentes são os objetivos que podem ser atingidos com os meios que possui). A tarefa de um construtor de identidade é, como diria Lévi-Strauss, a de um *bricoleur*, que constrói todo tipo de coisas com o material que tem à mão. (BAUMAN, 2005, p. 55).

Assim sendo, este respaldo teórico é suficiente para que sejam feitas as análises do discurso presente nas postagens, imagens e comentários de páginas feministas e antifeministas do *Facebook*, para verificar que sujeitos são esses que se formam e se colocam nos discursos em movimento nesta mídia social.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Com o advento da internet o acesso a todo o tipo de informação foi facilitado e as discussões sobre variados assuntos passaram a ser fundamentadas em outras referências além das enciclopédias e literaturas específicas de todas as áreas. A Internet também possibilitou uma nova forma social para que os indivíduos se relacionassem por meio das redes sociais, na tentativa de encurtar as distâncias entre as pessoas espalhadas pelo mundo todo, uma vez que pela internet é possível falar com alguém do outro lado do mundo de forma muito mais barata do que por telefone e mantendo a mesma eficácia e qualidade de comunicação, por exemplo.

Com o tempo essas redes sociais ficaram populares e também passaram a ser utilizada como ferramenta midiática e não só como ferramenta de comunicação entre pessoas, e é possível fazer essa constatação a partir de 2013, quando o *Facebook* foi utilizado como meio de comunicação, organização e divulgação de movimentos sociais que aconteceram no Brasil, na Venezuela, entre outros lugares. Desde então se tornou uma das redes sociais mais acessadas no mundo e as páginas dos movimentos sociais passaram a utilizá-lo devido à velocidade com que as informações ali colocadas se espalham e se tornam visíveis na rede.

Entre os anos de 2014 e 2015, na sociedade brasileira houve uma discussão intensa a respeito da implantação ou não da ideologia de gênero no currículo da educação básica nacional, e em meio a essas discussões, que também tinham espaço no *Facebook*, foi possível notar que nele também cresceu a contestação sobre o movimento feminista. Muitas páginas do *Facebook* a favor e contra o feminismo, foram criadas, e nelas encontrou-se um discurso de embate entre si avesso ao habitual propagado nos discursos que circulam e produzem sentidos na sociedade deste início de segunda década do século XXI.

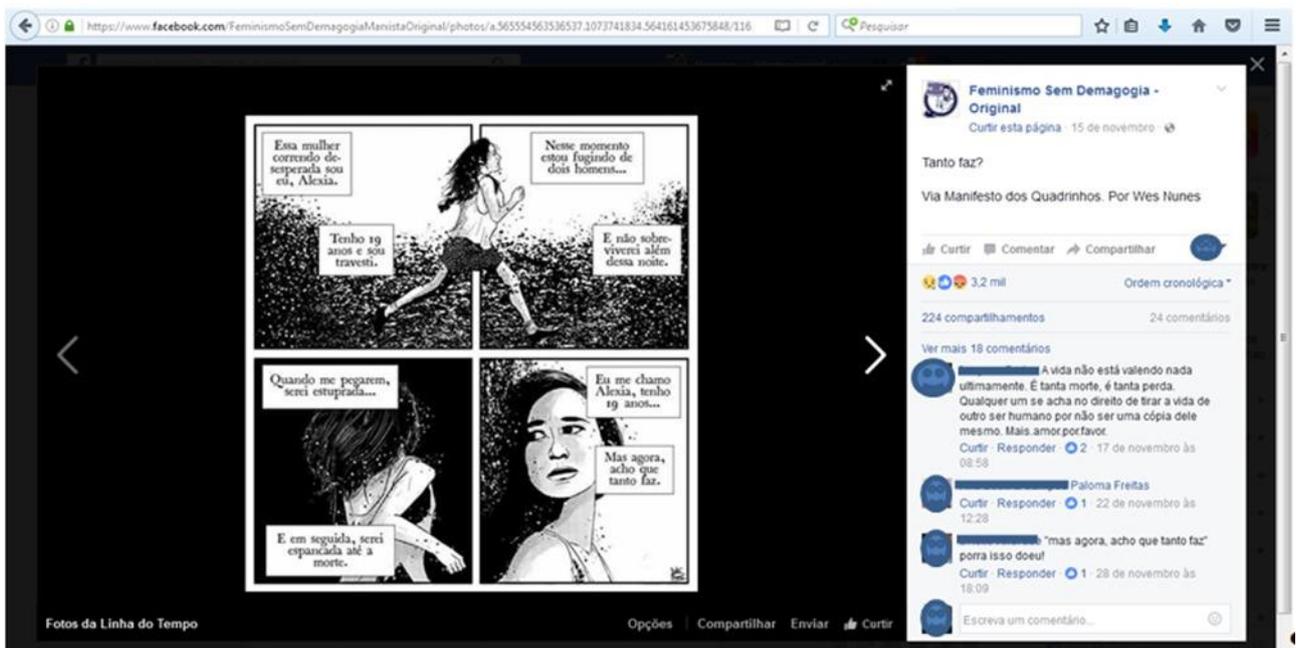
Partindo deste princípio, faz-se necessário verificar outros efeitos de sentido para o termo *feminismo* uma vez que ele tem produzido efeitos de sentidos descontraídos em um mesmo período histórico para um mesmo grupo de sujeitos (mulheres). Ao realizar uma busca simples no Google (2016), encontramos no dicionário Oxford, que o verbete *feminismo* vem do francês *féminisme*, que foi o nome dado à doutrina que visa à extensão dos papéis femininos. Porém, conforme afirma Marques (2016), o termo *feminismo* se refere a “um movimento social e político que tem como objetivo conquistar o acesso a direitos iguais entre homens e mulheres e que existe



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

desde o século XIX.”, e que só não é chamado de humanismo “Porque humanismo é um sistema filosófico de pensamento, não um movimento social ou político. O humanismo se refere à valorização do pensamento e da produção humana, em oposição à ideia de um ser sobrenatural que comanda o mundo”, portanto, feminismo é um movimento que se preocupa com a equidade entre os seres humanos de forma geral. Considerando esta definição de Marques, volta-se o olhar aos discursos presentes em publicações feitas em quatro páginas escolhidas aleatoriamente no *Facebook* de acordo com seu posicionamento, duas a favor e duas contra o feminismo no século XXI, para compreender que sujeitos são esses que se colocam nestes discursos.

Uma das páginas selecionadas para análise foi a *Feminismo sem demagogia*, que segue, conforme informações constantes na própria página, a vertente do feminismo marxista na luta por um feminismo de gênero, raça e classe. Aqui foram encontrados discursos que condizem realmente com o que afirma Marques (2016), como é possível notar uma preocupação com a vida humana na publicação abaixo, em que nos é apresentada uma realidade de violência com a qual muitas mulheres sofrem e que, segundo a tirinha, também é vivenciada por outros indivíduos, como é o caso dos travestis.





08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Esse efeito de sentido relativo à preocupação é lido, tanto no questionamento apresentado pela página junto à imagem “Tanto faz?”, como no 3º comentário que diz: “mas agora, acho que tanto faz” porra isso doeu!”.

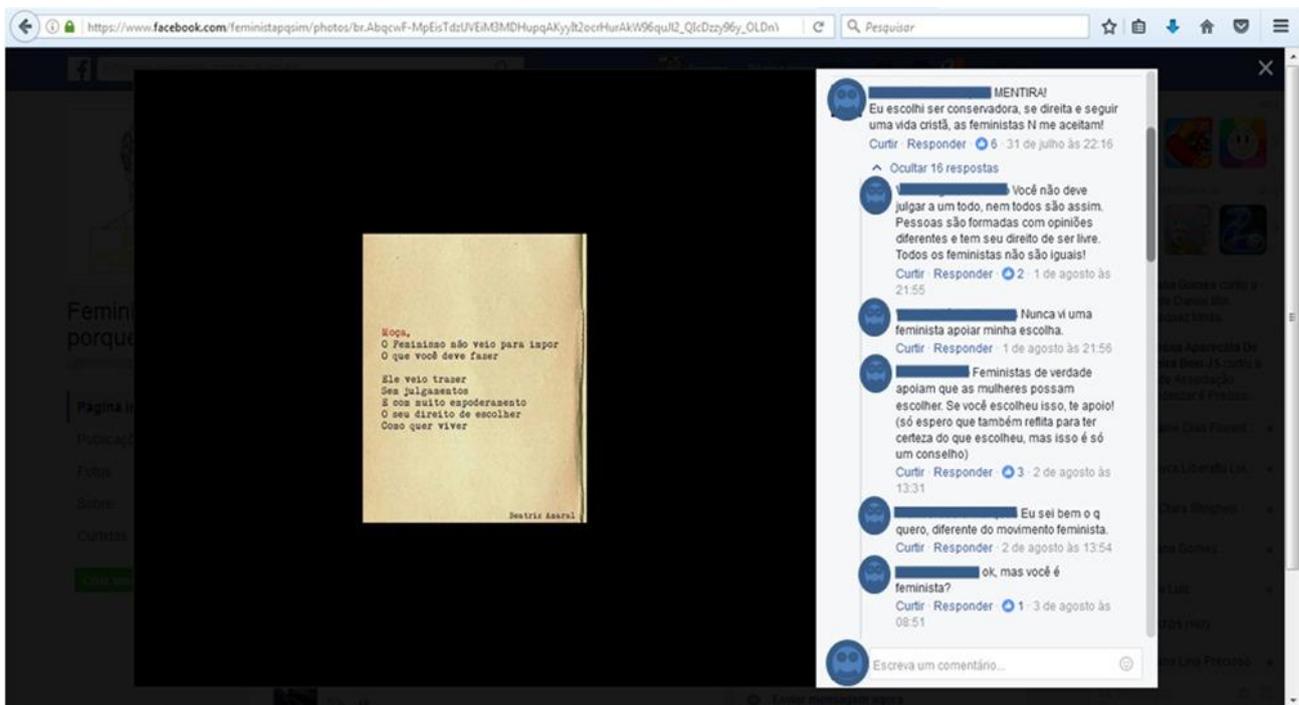
Em contrapartida, uma das páginas contra o feminismo selecionada foi a *Garota conservadora*, que tenta mostrar pontos de incoerência entre a proposta do feminismo e sua prática, como se pode notar na seguinte publicação, em que a página abordou em uma de suas publicações o fato de que em uma entrevista feita no Brasil em 2016, na divulgação do filme Triplo X, o ator Vin Diesel galanteou a garota que o entrevistava por várias vezes durante a entrevista e posteriormente foi acusado por ela e por algumas páginas feministas de assédio. Contudo, a página antifeminista apresenta uma publicação feita pela mesma moça em outra rede social fazendo insinuações sexuais tão vulgares quanto às do ator, direcionando-as a um lutador brasileiro de artes marciais mistas, casado, porém nenhum comentário foi feito em páginas feministas a respeito do assédio, teoricamente, cometido por ela contra o lutador, contradizendo a definição de feminismo apresentada por Marques anteriormente, como é possível verificar na imagem abaixo.





08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Todavia, o que de fato instiga a pesquisa é como os sujeitos se relacionam e se fazem dizer no discurso destas páginas por meio dos comentários e das postagens, como eles se relacionam e debatem entre si e o porquê isso ocorre. Na página *Feminista porque sim*, encontramos esta publicação em que na imagem é apresentado um poema que trata sobre o direito à liberdade de escolha da mulher, e no primeiro comentário uma leitora afirma que é “MENTIRA!”, enfatizando ao utilizar letras garrafais, como quem grita em linguagem verbal própria das redes sociais, pois, segundo a mesma, ela tinha feito uma escolha incomum entre as feministas e não é aceita pelas ativistas do movimento.



Podemos notar que há por trás de ambos os discursos envolvidos na discussão um desejo silenciado de convencimento e silenciamento do que difere do pensamento daquele que diz, como podemos notar no discurso presente no primeiro, segundo, quarto e quinto comentários.

Este mesmo desejo silenciado de convencimento e silenciamento do que difere do pensamento daquele que diz, acompanhado de um menosprezo ao intelecto do que pensa de maneira diferenciada também é visto neste *post* da página *Resistência anti-feminismo marxista* (que em tentativa recente de acesso descobriu-se que saiu do ar e não foi possível averiguar se foi



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

desativada ou cancelada por não ter contato com a responsável pela página fora da mesma), em que o feminismo é apresentado de forma chocante e austera pela própria página como uma pessoa que realiza ações concretas por si só, e no terceiro e sexto comentários encontram sua contestação de indignação, menosprezo e resistência às afirmações feitas na imagem publicada. Como é possível acompanhar na figura abaixo:



Outro fator que interfere diretamente no discurso de ambos os sujeitos é a presença ou ausência de uma crença cristã, o anseio ou a aversão à vivência de um relacionamento duradouro e a construção de uma família. A página *Garota conservadora*, por exemplo, tem vários posts religiosos, que mencionam o amor, os sonhos, os cuidados e o valor dos filhos de Deus, como é possível observar na imagem abaixo:

ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br





08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021



Enquanto a página *Feminismo sem demagogia* e boa parte de suas seguidoras negam a religiosidade, têm resistência ao discurso religioso e não dão credibilidade ao que alguém que segue alguma crença diz, consideram o discurso religioso um retrocesso ao pensamento lógico e ao desenvolvimento do país, como se pode notar no primeiro e no último comentário da imagem abaixo:

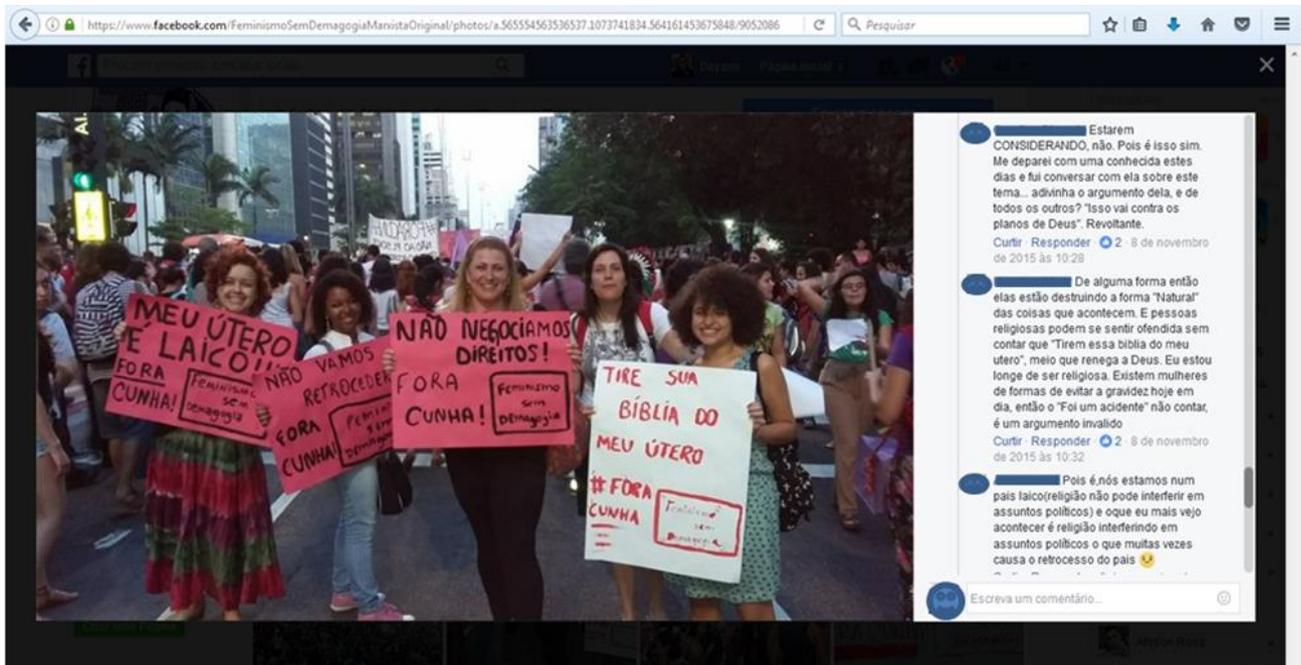
ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br




08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021



Devido a essa falta de credibilidade dada às páginas que apresentam algum tipo de discurso religioso, páginas como a *Resistência anti-feminismo marxista* já não tem publicações em que mencionem o nome de Deus. As imagens publicadas são mais carregadas de texto, apresentam em seu discurso uma linguagem mais formal, algumas com estrutura semelhante a textos acadêmicos e procura rebater as afirmações feministas buscando a contradição de um princípio básico defendido por muitas páginas feministas, a liberdade de escolha da mulher em fazer o que a satisfaz, como é possível ver na imagem que se segue.

ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br




08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021



The screenshot shows a Facebook post from the page "Resistência Anti-Feminismo Marxista". The post includes a quote by Simone de Beauvoir from "The Second Sex" (1949) and a photograph of a woman washing dishes. The text of the post is as follows:

MOÇA, VOCÊ ACHA QUE FEMINISMO É FALTA DE LOUÇA PRA LAVAR???

hmmm..... ok! Vamos ler.

"Uma parasita a sugar a vida de outro organismo -... a dona de casa não caminha para a criação de algo durável. ... O trabalho que a mulher faz dentro de casa não é directamente útil para a sociedade; não produz nada. A dona de casa é subordinada, secundária, parasítica. É para o seu bem que a situação tem que ser alterada de modo a proibir o casamento como uma "carreira" para as mulheres." - Simone de Beauvoir, *The Second Sex*, 1949.

"Enquanto a família, o mito da família, o mito da maternidade e o instinto maternal não forem destruídos, as mulheres continuarão a viver sob opressão.... Nenhuma mulher deveria ter autorização para ficar em casa e cuidar de crianças. A sociedade deveria ser totalmente diferente. As mulheres não deveriam ter essa opção precisamente porque se tal escolha existir, demasiadas mulheres a seguirão. Isso é uma forma de forçar as mulheres numa certa direcção." - Simone de Beauvoir, "Sex, Society, and the Female Dilemma," *Saturday Review*, June 14, 1975.

VAMOS LER SIMONE DE BEAUVOIR, MOÇA

The post also includes a Facebook interface with 112 likes, 81 shares, and 33 comments. One visible comment says: "Acho que a mulher pode sim trabalhar fora e dividir o trabalho com o marido, mas meu... convenhamos, dona de casa é o".

Na página *Feminista porque sim* é possível observar um discurso um pouco diferente do da página *Feminismo sem demagogia*, e isso se nota a partir da escolha do nome de cada página. A *Feminismo sem demagogia* apresenta uma linguagem mais direta que procura expressar sua força e credibilidade a todo instante, assim como a página contrária ao discurso feminista *Resistência anti-feminismo marxista* também apresenta um discurso direto e detalhista. Enquanto as páginas *Feminista porque sim* e *Garota conservadora*, já transparecem em seus próprios nomes que são o que são e acreditam no que acreditam “porque sim”. Entretanto, todas as páginas procuram convencer novos adeptos a seus discursos, todas procuram mostrar qual é a verdade em meio a tantos dizeres. como ilustram as publicações abaixo.

ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br




08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021



Garota Conservadora
Página curtida · 13 de dezembro

Em nome de todas as mulheres, peço desculpas pelo mal comportamento e ingratidão de algumas mulheres...
Via: Desquebrando o Tabu

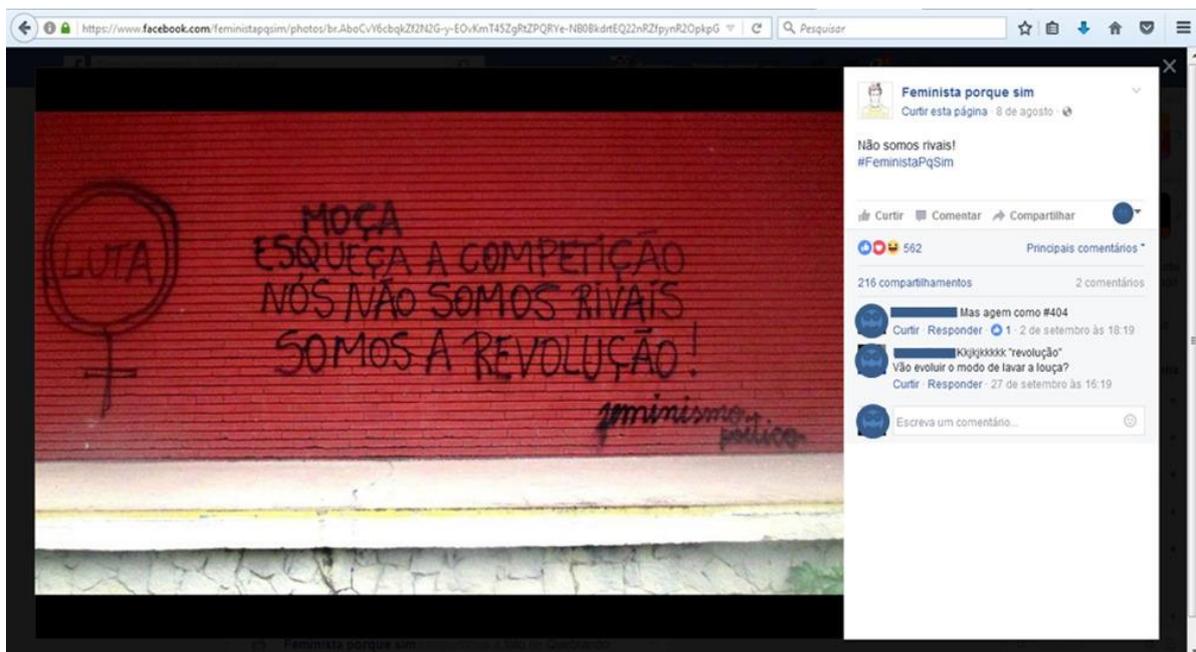
1,4 mil curtidas · 470 compartilhamentos · 42 comentários

Garota Conservadora Mulheres entrem em nosso grupo só de moças <https://www.facebook.com/groups/647550638725640/>

Grupo fechado
5.361 membros
[+ Participar do grupo](#)

Curtir Responder · 43 min

Sim!! Homens, ainda ha mts que nao sao feministas 😂 lipo euzinha aq!!



Feminista porque sim
Curtir esta página · 8 de agosto

Não somos rivais!
#FeministaPqSim

562 curtidas · 216 compartilhamentos · 2 comentários

Mas agem como #404
Curtir Responder · 1 · 2 de setembro às 18:19

Kkkkkkkk "revolução"
Vão evoluir o modo de lavar a louça?
Curtir Responder · 27 de setembro às 16:19

Escreva um comentário...

Desta forma, faz-se necessário notar aqui os discursos apresentados não somente nas imagens, mas também nos textos que as acompanham nas publicações, em que a página se coloca inteiramente no discurso e completa os efeitos de sentido do dito na imagem. A *Garota conservadora* pede desculpa aos homens pela ingratidão e mal comportamento de algumas, e convida mulheres para entrar no grupo de moças da página no primeiro comentário da publicação,



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

enquanto a *Feminista porque sim* afirma “não somos rivais!”, e nestes dizeres observa-se o que o não-dito diz em ambas as publicações, que há uma rivalidade, há uma discordância, há desencontros entre as mulheres.

Considerações finais

Após analisar as publicações das páginas selecionadas e direcionar a estas um olhar a partir de tudo que a política do silêncio Orlandi (2007) e o quebra cabeças sem fim da identidade segundo Bauman (2005) nos apontam, entende-se que em meio a tantas realidades, acessibilidade, opções e perspectivas, a mulher perdeu-se em si mesma, e assim, como tantos seres humanos, também não sabe mais quem é, o que quer, o que vive ou o que procura.

Olhar para os discursos publicados nestas páginas e para a realidade feminina de estudo, trabalho, relacionamento e família deste início de segunda década do século XXI, torna possível afirmar que tanto as mulheres contra quanto as a favor do feminismo não lutam por um ideal para uma coletividade humana ou feminina, mas sim buscam por si mesmas, pelas peças que ainda faltam em suas mesas para que possam completar a imagem final, constantemente mutável, do quebra-cabeças que é a identidade segundo Bauman (2005).

É possível inferir que é preciso se atentar para realidade em que os sujeitos analisados se inserem e se fazem dizer e não-dizer nas publicações. Todas as páginas são administradas por mulheres, entretanto, as páginas feministas se perdem entre tantos discursos e objetivos a defender, por não terem uma única meta tentam “abraçar o mundo”, mas acabam por se contradizer em alguns momentos e perdem credibilidade no embate discursivo diante do discurso das páginas que se colocam como contrárias.

A chave da discussão são as formações de sujeitos que são diferenciadas, e menosprezadas entre si em comentários de leitores das páginas e em publicações feitas por elas, na tentativa de que os sujeitos atravessados por ideologias diferentes possam ser de alguma forma atravessados pela ideologia que forma os sujeitos dos discursos das páginas e assim sejam persuadidos e se “convertam” à verdade que, conforme o dito e o não-dito em cada página analisada, somente elas apontam.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BORGATTI, Karolaine et al. **Garota Conservadora**. Disponível em: <https://www.facebook.com/gconservadora/?fref=ts>. Acesso em: 30 nov. 2016.

MEGID, Cristiane Maria; CAPELLANI, Ana Paula Lemos. Mas... O que não é possível? Efeitos das posições dos sujeitos em a vida é bela. In: BOLOGNINI, Carmem Zink (org.) **Discurso e ensino**: o cinema na escola. Campinas: Mercado das letras 2007.

OXFORD Languages. **Verbetes feminismo**. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=etimologia+da+palavra+feminismo&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b-ab&gfe_rd=cr&ei=w35RWIvGNib28Aey5qjwDw#q=feminismo+origem+da+palavra. Acesso em: 30 nov. 2016.

MARQUES, Rafaela. O que é feminismo? **Carta Capital**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-e-feminismo-2198.html>. Acesso em: 14 dez. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

SCHLAFLY, Phyllis; VENKER, Suzanne. **O outro lado do feminismo**. Tradução Aline Pereira de Freitas. Santos, SP: Simonsen, 2015.

SILVEIRA, Vera Lucia Dias da. **Feminismo sem demagogia**. Disponível em: <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/?fref=ts>. Acesso em: 30 nov. 2016.

VIEIRA, Luany. **Feminista porque sim**. Disponível em: <https://www.facebook.com/feministapqsim/?fref=ts>. Acesso em: 30 nov. 2016.

Resistência anti-feminismo marxista. Disponível em: <https://www.facebook.com/resistencia.anti.feminismo.marxista/about/>. Acesso em: 30 nov. 2016.